

MIGRAÇÃO, SUJEITO E ESPAÇO DIGITAL: MARCAS DE (RE)EXISTÊNCIA NA LÍNGUA DO OUTRO

MIGRATION, SUBJECT, AND DIGITAL SPACE: MARKS OF (RE)EXISTENCE IN THE LANGUAGE OF THE OTHER

Laura Bucholz¹

Universidade Federal de Santa Maria

Marluza da Rosa²

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: A partir da crise humanitária envolvendo refugiados, pretendemos dedicar nosso olhar, neste artigo, para a constituição de subjetividades de estrangeiros que se alocaram no Brasil e tornaram-se ‘empreendedores’ por precisar encontrar formas de sobreviver em um cenário socioeconômico neoliberal. A partir de três recortes extraídos de dois perfis no Instagram de empresas lideradas por refugiados, pretendemos problematizar de que forma os sujeitos migrantes se (ins)escrevem na sociedade brasileira a partir das materialidades discursivas encontradas nos perfis e como esses sujeitos se constituem no espaço digital através da língua (portuguesa). As páginas foram retiradas do site *Refugiados Empreendedores* (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.]), criado por iniciativa governamental durante a pandemia da Covid-19. Articulamos os pressupostos teóricos discursivo-desconstrutivos (CORACINI, 2010), além de um breve retorno sobre os estudos da análise do discurso digital (DIAS, 2021), partindo, principalmente, das noções de língua, sujeito e espaço digital para constituir nosso dispositivo teórico-analítico. Concluímos que os sujeitos usam esse espaço como forma de (re)existência, deixando sua marca na língua do outro.

Palavras-chave: Migração; Sujeito; Línguas; Digital; Reexistência.

Abstract: Considering the humanitarian crisis involving refugees, we intend to dedicate our glance in this article to the constitution of subjectivities of foreigners who were allocated in Brazil and became “entrepreneurs” because they needed to find ways to survive in a neoliberal socioeconomic scenery. Through the crops of two profiles on Instagram of companies led by refugees, we intend to problematize how migrant subjects (in)write themselves in Brazilian society based on the discursive materialities found in the profiles and how they constitute themselves in the digital space through the language (portuguese). The pages were taken from the website *Refugiados Empreendedores* (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.]), created by government initiative during the Covid-19 pandemic. We articulate the discursive-deconstructive (CORACINI, 2010) theoretical assumptions in addition to a brief return on the studies of digital discourse analysis (DIAS, 2021), starting mainly from the notions of language, subject and digital space to constitute our theoretical device -analytical. We conclude that the subjects use this space as a form of (re)existence, leaving their mark on the language of the other.

Keywords: Migration; Subject; Language; Reexistence.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: laura.bucholz@acad.ufsm.br.

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Email: marluza.rosa@ufsm.br.

Submetido em 10 de fevereiro de 2023.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2023.

Considerações iniciais

Em 1997, foi promulgada a *Lei nº 9.474*³ (BRASIL, 1997), que regula a política humanitária brasileira em relação às migrações. Em 2017, entra em vigor a *Lei nº 13.445*⁴ (BRASIL, 2017), conhecida como Lei da Migração, que dispõe sobre direitos e deveres do migrante, regulando a entrada e a estada no Brasil. Mesmo sendo um assunto, em tese, atravessado pelo discurso jurídico, as questões humanitárias relacionadas às migrações seguem em pauta no cenário mundial atual.

Segundo o relatório da OBMigra (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2022), até o final de 2021, as crises políticas, econômicas e sociais fizeram com que 89,3 milhões de pessoas fossem deslocadas à força no mundo. Por estarem com as condições de sobrevivência ameaçadas, a decisão de migrar acaba sendo uma “imposição da escolha pela vida” (GAMBASSI; LIMA, 2020, p. 72). Em 2021, o Brasil recebeu 29.107 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, totalizando cerca de 300 mil solicitações, se somadas às registradas desde 2011, segundo o mesmo relatório. Porém, os números elencados são apenas registros massivos que invisibilizam o verdadeiro problema. Os dados nos permitem ressaltar que os números poderiam ter sido ainda maiores, pois, devido à pandemia da Covid-19, houve maior limitação à circulação de pessoas com o controle das fronteiras. Então, enquanto analistas do discurso, não podemos nos apegar somente aos dados para conhecer a realidade migratória no país.

Os migrantes que chegam no Brasil deparam-se com uma sociedade aparentemente hospitaleira que, muitas vezes, mostra-se hostil. Se, por um lado, os estrangeiros são associados à criminalidade, ao desemprego e à ameaça a identidade e a coesão nacional, por outro, também representam força de trabalho e geração de recursos, além de contribuírem com o enriquecimento da sociedade e das culturas (LARA; ROSA; TAUZIN-CASTELLANOS, 2021). Nesse sentido, vale apontar que o país de origem do estrangeiro que chega, o motivo da chegada, a raça e a classe social desses refugiados provocam uma distinção no tratamento de quem os recebe (ANDRADE, 2021;

³ A Lei nº 9.474 foi publicada em 22 de julho de 1997, sendo o marco que definiu os mecanismos para a implementação da Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 no Brasil (BRASIL, 1997).

⁴ A Lei nº 13.445 foi publicada em 24 de maio de 2017, instituindo a Lei da Migração (BRASIL, 2017).

FAUSTINO E OLIVEIRA, 2021; CORTINA, 2020; RIBEIRO, 2022). Basta observarmos a abordagem midiática do assunto para perceber que é recorrente a construção da imagem do refugiado pobre e negro como um problema, uma ameaça. Por outro lado, há um certo enobrecimento de migrantes europeus, brancos, aqueles “que foram requisitados” (ANDRADE, 2021, p. 292), como no século XX, o que reforça os já-ditos racistas e xenofóbicos para com os menos favorecidos.

Os estrangeiros que ficam no Brasil se inserem em um cenário tomado por desigualdades, em meio a uma crise econômica e social instaurada (não só, mas também) pela pandemia. Há, segundo Dias (2021), o que se chama de ‘plataformização’ das relações de trabalho através da tecnologia, em uma conjuntura política de retirada de direitos trabalhistas, descaso com a saúde pública e invalidação da ciência. Nesse cenário, grande parte da população se vê desempregada e em situação de pobreza, e é encurralada pela necessidade de encontrar formas de trabalho autônomo para sobreviver. É nessa condição que se dissemina ainda mais a ideia de uberização do trabalho, “onde o sujeito é o chefe de si mesmo, mas ao mesmo tempo totalmente atado pela tecnologia, preso em suas redes sem lei” (DIAS, 2021, p. 50). O espaço digital, atravessado pelo discurso do empreendedorismo, cria, portanto, uma ilusão de que se pode ‘trabalhar sem sair de casa’, ‘ganhar dinheiro pela internet, ir ‘do mil ao milhão com um clique’, reforçando a precarização do trabalho que, na verdade, causa sobrecarga e dívidas intermináveis, sem nenhum amparo jurídico.

Nesse cenário, os refugiados necessitam encontrar formas de sustento para si e suas famílias. No entanto, a busca por um trabalho digno, com direitos garantidos, não se torna uma tarefa fácil devido aos preconceitos que circulam sobre essas pessoas, o que faz com que muitos se submetam a essas situações precárias, vendendo sua força de trabalho pelo mínimo para sobreviver. Muitos vivem em situações de pobreza extrema, conquistando sua fonte de renda através de vendas informais nas ruas, outros levam esse trabalho para o espaço digital. É na temática das relações de trabalho no meio digital, mais precisamente no Instagram, e dos modos de subjetivação, tendo como base os estudos discursivos, que nossa pesquisa se insere.

Neste recorte, buscamos, a partir dos estudos do discurso, a) analisar materialidades discursivas presentes nos perfis no Instagram de refugiados ‘empreendedores’ a fim de interpretar efeitos de sentido produzidos que apontam para modos de subjetivação; e b) compreender de que forma os migrantes se (ins)escrevem na sociedade a partir das materialidades discursivas encontradas nos perfis e dos efeitos de

sentido que elas produzem. Com esses dois objetivos específicos, pretendemos chegar em nosso objetivo geral: compreender e problematizar de que forma os sujeitos migrantes trabalham através do Instagram e como se constituem no ambiente digital através da língua do outro.

Para isso, analisamos três recortes oriundos de duas contas no Instagram de microempresas criadas por estrangeiros refugiados, retiradas do site *Refugiados Empreendedores*, criado por iniciativa da ACNUR e Pacto Global (s.d.) para dar visibilidade midiática aos negócios liderados por refugiados no Brasil. Mobilizamos o dispositivo teórico-analítico, composto, principalmente, pelas noções de sujeito, língua e espaço digital, com vistas a analisar o *corpus* selecionado. Filiamo-nos a uma perspectiva discursivo-desconstrutiva, proposta por Coracini (2010), que trabalha com os estudos de Derrida, Foucault e Lacan.

Esta pesquisa torna-se relevante ao campo social, cultural e político, tendo em vista que pessoas em situação de refúgio são recebidas com desconfiança e intolerância. É importante, da mesma forma, problematizar o fato de que trabalhadores acabam se enquadrando em certo formato de trabalho, cumprindo certas regras e determinações impostas pelo neoliberalismo, disfarçadas de melhores condições de trabalho, mas que influenciam diretamente em seu sofrimento (SAFATLE, JUNIOR, DUNKER, 2021).

Em um primeiro momento, situamos as condições de produção e circulação do *corpus* da nossa pesquisa, na seção de procedimentos metodológicos. Após, tratamos da (con)fusão de línguas, relacionando as noções de sujeito e língua ao *corpus*. Na terceira seção, relacionamos o espaço digital com a constituição dos sujeitos e as condições de trabalho. Por fim, em um processo sempre incompleto e constituído pela falta, elencamos os resultados obtidos, marcados principalmente pelas formas de (re)existência constituídas através da língua, na plataforma digital.

1. Percurso metodológico

Neste artigo, construiremos nosso dispositivo teórico-analítico a partir dos estudos discursivo-desconstrutivos, tomando as noções de sujeito, língua e espaço digital como norte para o trabalho. Selecionamos dois perfis no Instagram para proceder a análise: a página do restaurante Koh I Baba e a da marca de roupas Zolé. Ambas estão elencadas no site *Refugiados Empreendedores* (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.]) que, como vimos na introdução do trabalho, foi criado por iniciativa governamental para divulgar negócios liderados por refugiados no Brasil. O site foi criado durante a pandemia de

Covid-19, mas é explicitado, no texto de apresentação, que se pretende que a “plataforma seja duradoura e possa alcançar públicos variados” (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.], [s.p.]). O site conta com dois direcionamentos: um para quem é refugiado e gostaria de empreender ou cadastrar seu empreendimento no site, e outro para quem gostaria de fazer negócios com refugiados e/ou conhecer seus produtos e serviços.

Além de elencar os empreendimentos e separá-los por país de origem dos migrantes, região do Brasil em que se instalaram e tipo de negócio, o site também compila diversos materiais gratuitos voltados a migrantes, como guias, cartilhas, cursos e direcionamentos para acesso a crédito, o que reforça, inclusive, a precarização financeira a qual esses empreendedores, aparentemente donos de si e do próprio negócio, submetem-se.

Para analisar de que forma os sujeitos migrantes trabalham através do Instagram e como se constituem no ambiente digital através da língua do outro, recortamos três Sequências Discursivas (doravante SD) – duas delas extraídas de postagens da referida rede social, e uma referente a um excerto da entrevista concedida por um dos refugiados ao ACNUR, que consta no texto de apresentação do seu empreendimento. Como todo gesto de análise é sempre guiado pelos objetivos e nunca desprendido da interpretação, entendemos, com Courtine (2016), que o procedimento de constituição do *corpus* trata-se de elencar sequências discursivas como ponto de referência para a análise, relacionando-as ao sujeito que se constitui e à situação de enunciação, considerando a opacidade da linguagem e a não fixidez dos sentidos.

Mobilizamos o dispositivo teórico-analítico, portanto, com vistas a analisar o corpus selecionado. Filiamo-nos a uma perspectiva discursivo-desconstrutiva, proposta por Coracini (2010), que trabalha com os estudos de Derrida, Foucault e Lacan.

É nas margens da filosofia que trabalha Derrida, nas margens da história que atua Foucault, nas margens da psicanálise que ensina Lacan. [...] a abordagem discursivo-desconstrutivista interroga a linguagem, o sujeito, os saberes, as verdades, os discursos e nosso próprio discurso, fazendo-se estrangeira a esse domínio (ROSA; RUBBO; PEIXOTO, 2015, p. 255).

Para a divisão das seções a seguir, optamos por agrupar dois temas principais, como sugerido na noção de trajeto temático, que “permite, ao mesmo tempo, aninhar o conteúdo em um tema e analisá-lo linguisticamente” (MAZIÈRE, 2007. p. 96). A primeira seção reúne a articulação entre teoria e análise no que diz respeito ao sujeito e à língua. A segunda seção conta com as questões referentes ao espaço digital como um lugar de constituição de sentidos e subjetividades. Apesar da divisão proposta,

entendemos que não há como separar nem limitar as noções teóricas em questão, visto que a articulação com o *corpus* e o atravessamento da análise envolve todo o emaranhado teórico com o qual trabalhamos.

A escolha por analisar materialidades discursivas oriundas da rede social Instagram se dá devido à influência e à relevância desse espaço nos dias de hoje, não só no âmbito comercial, para a divulgação e venda de produtos e serviços, mas também para a constituição de sujeitos. Atualmente, as redes sociais permeiam a construção da visão de mundo das pessoas, sendo através delas que, na maioria das vezes, as informações circulam. E são essas leituras que, ao serem veiculadas diariamente, muitas vezes acabam instituindo sentidos que atribuímos aos acontecimentos cotidianos, mediando nossa relação com o mundo (ROSA, 2016).

2. (Con) fusão de línguas e culturas

O resumo de apresentação do empreendimento no ramo gastronômico de uma família afegã no site *Refugiados Empreendedores* menciona que são da etnia *hazara*, historicamente perseguida pelo grupo fundamentalista islâmico (ACNUR; PACTO GLOBAL, 2022). Sorab, o pai, deixou o Afeganistão em 2012, e o restante da família chegou ao Brasil há quase cinco anos. Segundo a entrevista dada ao ACNUR, Sorab conta que uma das razões que fez com que ele escolhesse o Brasil foi “o histórico de paz e respeito aos Direitos Humanos do país, além da possibilidade de uma vida mais livre e tranquila” (ACNUR; PACTO GLOBAL, 2022, [s.p]).

A partir desse excerto, extraído da entrevista, percebemos a força que o imaginário sobre o Brasil e o brasileiro tem, principalmente para os estrangeiros: hospitaleiros, acolhedores, que vivem em um ambiente próspero e bom de se viver, com culturas variadas. Por outro lado, ao mesmo tempo em que o estrangeiro permeia o imaginário dos brasileiros como superior, com uma cultura elitizada, “de primeiro mundo” (no caso dos americanos e europeus, supostamente brancos e ricos), há preconceito contra estrangeiros de raça e classe diferentes. Esses são considerados exploradores, indesejáveis, que chegam para tomar o lugar dos brasileiros no mercado de trabalho, usufruir dos benefícios públicos e atrapalhar a suposta ordem.

Não apenas naqueles estrangeiros que escolhem o Brasil como destino, há o desejo de encontrar “o lugar onde podem fazer o que lhes é interdito no país de origem” (CORACINI, 2003, p. 217). A condição de falta e, conseqüentemente, de desejo, é constitutiva do sujeito, pensando pela perspectiva discursivo-desconstrutiva, que

atravessa os estudos da psicanálise lacaniana. O sujeito, portanto, constitui-se nas lacunas da linguagem, sendo, segundo Coracini (2003), a partir de sua leitura de Lacan e de Foucault, uma construção social e discursiva em constante elaboração.

É importante compreender que o sujeito e a subjetividade não estão relacionados à enunciação do ‘eu’. Reconhecemos o trabalho fundamental de Benveniste (1976) para pensar a subjetividade na linguagem, mas nos filiamos à perspectiva que entende que o sujeito discursivo é constituído sempre na relação com o outro, que é incompleto e não é a origem dos discursos. Logo, a subjetividade se dá na relação com o discurso e constitui-se mesmo sem os elementos gramaticais de primeira pessoa (FOUCAULT, 2008). Pensar por esse viés é pensar numa perspectiva que

postula o sujeito descentrado, heterogêneo, cujos efeitos de sentido são imprevisíveis, porque o inconsciente daquele que fala ou escreve e daquele que ouve ou lê atuam de modo incontrolável e incontornável; a esta visão de sujeito se alia uma visão de linguagem, desta vez, opaca, cujos sentidos independem das intenções conscientes daquele que fala ou escreve e até mesmo daquele que ouve ou lê (CORACINI, 2010, p. 94).

Nesse sentido, entendemos as noções de sujeito e subjetividade como centrais ao nosso trabalho, o que nos leva a pensar a noção de língua(s). Entendemos as línguas como materialidade do discurso e lugar de constituição de sentidos e sujeitos, sendo opaca e lugar de equívoco. E é no equívoco que conseguimos apreender modos de subjetivação, pois o sujeito precisa se submeter à linguagem e a uma língua, lugar da infinidade de sentidos, que permite que resvalam fragmentos do inconsciente (CORACINI, 2013).

Esse entendimento já vinha sendo debatido no grupo de pesquisadores ao qual se vinculava Pêcheux, que dedicou seu olhar ao funcionamento da língua, não mais somente à função e às formas (SAUSSURE, 2006). Eles buscavam “pensar a língua como aquilo que permite constitutivamente o equívoco (e não a ambiguidade) e, portanto, garante a única possibilidade de ‘fazer sentido’” (MAZIÈRE 2007, p. 55). Compreendemos, com isso, que é na e através da língua que os sentidos (e os sujeitos) se constituem, não estando fixos nem pré-estabelecidos, da mesma forma que é na e através das formas da língua que, enquanto analistas de discurso, podemos apreender potencialidades de (novas) interpretações e de reexistência.

Tratar das línguas, no plural, reforça que cada uma delas tem particularidades, jamais sendo apenas uma, completa. Essa incompletude, inerente à língua, é o que permite que sempre possa se dizer de outro modo, ao mesmo tempo que tudo não pode ser dito. É, segundo Ferreira (2010), o lugar do possível. Compreendemos que

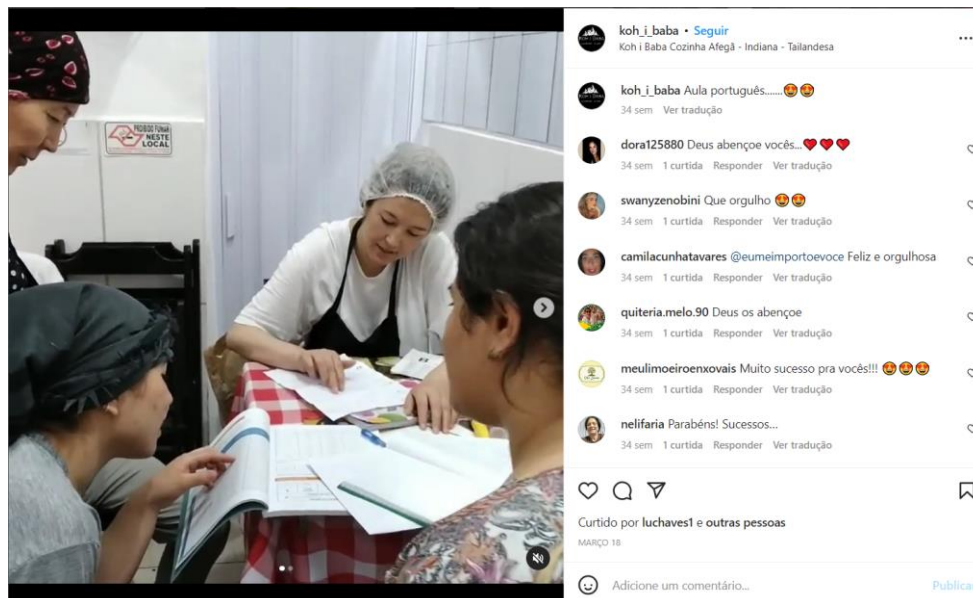
Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira – o não-todo no todo, o não-representável no representado (FERREIRA, 2010, p. 6).

Nesse sentido, relacionando com a nossa pesquisa e com a temática das migrações, também compreendemos que não há como separar completamente nem definir as fronteiras entre línguas e culturas. Coracini (2009), a partir da sua leitura de Foucault e Derrida, entende que toda língua se constitui de outras línguas – assim como não há discurso que não seja atravessado por outros dizeres, pelo já-dito. Afinal, segundo Foucault (1996), “o novo não está no que é dito” (FOUCAULT, 1996, p. 26), mas na situação de enunciação que é sempre singular. Cabe refletir sobre tudo que poderia ser dito sobre os refugiados e pelos refugiados, sobre as inúmeras possibilidades de dizer, mas que foi silenciado.

Segundo Derrida (2001), não falamos nunca senão uma língua, mas não falamos nunca uma única língua. Não há, portanto, monolinguismo absoluto, pois a língua do outro sempre se cruza com a ‘minha’. Apropriamo-nos dessa ilusão de língua una, transparente, à busca por uma estabilidade, mas estamos a todo momento entre-línguas (MATTOS, STÜBE, 2021). Observemos a análise a seguir.

Em todas as postagens da página do restaurante Koh I Baba, criado pela família de refugiados afegãos que mencionamos no início da seção, as legendas são escritas em português, apontando para um endereçamento das postagens (se está em português, partimos do pressuposto de que são os falantes de português que devem ler). Em uma das postagens (Figura 1), a família registra uma aula de português, mostrando as dificuldades, mas também o esforço em ser compreendida no novo país.

Figura 1 – Captura de tela da postagem referente às aulas de português da família de refugiados.

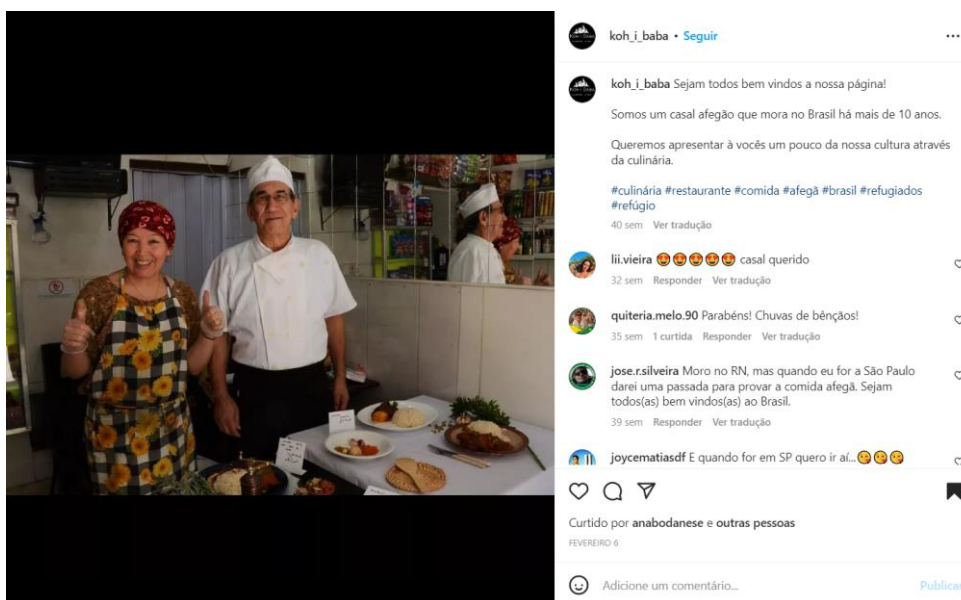


Fonte: KOH I BABA, 2022 (*printscreens* das autoras).

Apesar disso, os pequenos deslizes gramaticais (conforme o *print*), permitem compreender que o sujeito atravessa as línguas e as culturas, carregando traços “pela porosidade de uma língua que escapa pelos fios da outra, sem identificar o início e o fim, em uma (con) fusão de diferentes línguas-culturas” (PAVAN, 2022. p 62). Essa porosidade (constitutiva) da língua autoriza que analisemos traços do falar de si (ROSA, 2016), como veremos na sequência.

Dentre as primeiras postagens feitas na página, encontramos uma foto de apresentação (Figura 2), algo comum na divulgação de produtos e serviços no Instagram para que o público conheça quem está por trás do negócio. A foto do casal é acompanhada pela seguinte legenda, que consideramos como nossa primeira SD: “Sejam todos bem-vindos a nossa página! Somos um casal afegão que mora no Brasil há mais de 10 anos. Queremos apresentar à vocês um pouco da nossa cultura através da culinária. #culinária #restaurante #comida #afegã #brasil #refugiados #refúgio” (KOH I BABA, 2022, [s.p]).

Figura 2 - Captura de tela da primeira postagem da página.



Fonte: KOH I BABA, 2022 (*printscreen* das autoras).

Percebemos que há, nesse caso, a marcação de quem são e de onde vieram de forma explícita, logo após darem as boas-vindas. Observando as *hashtags*, ferramenta do Instagram usada para reunir postagens sobre um assunto em comum, vemos a denominação de ‘refugiados’ e ‘refúgio’ também como forma de identificação com um determinado grupo. No trecho “Queremos apresentar à vocês um pouco da nossa cultura através da culinária.” (KOH I BABA, 2022, [s.p]) vemos que há uma tentativa de integração com os brasileiros através da cultura, da culinária e da língua. Há, de certa forma, uma busca por sentirem-se em casa, constituindo-se na e pela língua, buscando dissolver as fronteiras geográficas e trazendo para o Brasil a diversidade que carregam. Na materialidade linguística, há um endereçamento que pressupõe que ‘vocês’ não conhecem ‘nossa’ culinária – nem ‘nossa’ língua, já que as postagens são feitas na língua estrangeira. Através desses traços percebemos que “é o dizer sobre si e sobre seu corpo que levará a mutações dos nossos modos de viver, abrindo fissuras nos domínios das liberdades possíveis” (MILANEZ, 2021, p. 110). Podemos dizer, portanto, que há uma tentativa de mostrar que eles existem no país, com sua cultura e sua culinária.

Da mesma forma que a família afegã se inscreve nas redes sociais, Franck, refugiado da Costa do Marfim, divulga sua marca de roupas através do Instagram. A página em que anuncia seus produtos leva o nome da sua marca: Zolé, palavra que significa respeito em Dida, língua falada na Costa do Marfim. Seguido do nome, há um slogan: respeite a diversidade (Figura 3). A partir do nome que o refugiado optou por dar

a sua marca (de roupas), podemos compreender que há traços de um sujeito que se constitui através da (con) fusão de línguas, provocado pelo deslizamento de sentidos. Apesar de o respeito ser direito de todo ser humano, os eventos xenofóbicos dos últimos anos no Brasil e no mundo nos mostram que o básico, muitas vezes, não é cumprido.

Figura 3 – Captura de tela da página inicial da loja de roupas.



Fonte: ZOLÉ, 2022 (*printscreen* das autoras).

O slogan da marca de Frank reforça um pedido por respeito. Percebemos, no entanto, um possível deslizamento de sentido quando comparamos a descrição do perfil com o nome da página, que consideramos como nossa SD 2: “respeite a diversidade” / “respeito e diversidade” (ZOLÉ, 2022, [s.p.]).

Em um, lemos ‘respeite a diversidade’, no imperativo, sendo mais do que um convite, uma forma de protesto, de resistência. Em certa medida, há um pedido endereçado a um outro, em sua língua, em um movimento de conscientização. Na descrição, lemos ‘respeito’ e ‘diversidade’, transformados em dois substantivos característicos da (sua) marca, dando a entender que são valores implícitos e necessários, mas não apenas isso. Entendemos que o sujeito que aí se constitui deixa sua marca, traços de si, na língua do outro. Usa, portanto, de um espaço utilizado, em tese, somente para divulgar seus produtos para reivindicar por algo que não está necessariamente relacionado ao trabalho. Enquanto sujeito que se constitui na e pela linguagem, compreendemos que os efeitos de sentido são imprevisíveis, “porque o inconsciente daquele que fala ou escreve atua de modo incontrolável” (CORACINI, 2010, p. 94). Esses deslizes são compreendidos nos equívocos da língua e direcionados pelas condições em que o sujeito se insere.

Podemos dizer que, tanto na página da família afegã, quanto na página do refugiado da Costa do Marfim, há a tentativa de serem vistos, de (re)existir. Segundo Dias (2021), as interações e avaliações no espaço digital regulam “quem permanece ‘visível’ (mais *likes*) e quem será invisibilizado ou ‘cancelado’” (DIAS, 2021, p. 54). Dessa forma, cabe ao nosso trabalho adentrar na noção teórica de espaço digital, que veremos a seguir.

3. O digital como forma de (re)existência

Quando Raihana, a esposa de Sorab, chegou ao Brasil, eles decidiram abrir o referido restaurante de comida afegã em São Paulo, cidade em que residem até hoje, e criaram uma página nas mídias digitais para suprir as necessidades durante a pandemia. Na entrevista dada ao ACNUR, a família pontua que um dos desafios encontrados nesse período foi a presença digital: “Estamos aprendendo dia após dia, passo por passo” (ACNUR; PACTO GLOBAL, 2022, [s.p]).

Atualmente, vivemos permanentemente no espaço digital (DIAS, 2021). Vivenciamos um momento em que nossos gostos, opiniões, ações e posicionamento crítico são moldados e reunidos em interfaces virtuais de relacionamento, inserindo-se em um processo que tende a conduzir interpretações “pelo próprio modo de circulação algorítmica dos sentidos” (DIAS, 2021, p. 42). Assim como o sujeito se constitui pelo outro, os perfis nas redes sociais também possuem fortemente essa relação. A movimentação feita dentro de um perfil nada mais é senão esperando uma resposta dos demais perfis. Esperam-se compartilhamentos, comentários, curtidas e salvamentos, criando uma espécie de inter-relação entre interação e sucesso, reconhecimento.

No meio digital – não apenas, mas principalmente, nas redes sociais – a produção, circulação e ordenação de todos os conteúdos produzidos são automatizados por algoritmos informatizados (BECK, 2019), que são determinantes nos processos de leitura. Por isso, relacionando aos perfis no Instagram dos empreendimentos dos migrantes analisados em nosso trabalho, podemos questionar: quem, de fato, recebe esses conteúdos? Em que medida esse direcionamento algorítmico impacta nos sentidos produzidos pelas interações nas postagens? Segundo Ferragut (2019), o algoritmo se baseia em três fatores, sendo eles a afinidade com determinados assuntos, a relevância dos conteúdos e o tempo que passamos consumindo.

Dessa forma, podemos dizer que o digital produziu mudanças na forma de (se) significar e discursivizar o mundo. Essa forma de discursividade se constitui por “práticas de linguagens que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos

que, por meio do acesso, deslocam o campo da ‘luta’ para uma inscrição na forma digital” (DIAS, 2016, p. 10). Os sentidos se produzem, da mesma forma, pela inscrição dos sujeitos na língua, mas as práticas desses sujeitos são afetadas por outras condições de produção. Nesses textos, o espaço de visibilidade é dado pelas redes sociais, que estão à disposição de todos aqueles que quiserem “navegar no barco de vidas virtuais, que tentam ser reais ou atuais, em busca de um lugar em que sejam reconhecidos como cidadãos” (CORACINI, 2013, p. 167).

O Instagram, precisamente, é um dispositivo que parece deixar à vista qualquer resquício de privacidade. Segundo Milanez (2021), ao discorrer sobre o corpo, a plataforma deixa escancarada a ansiedade de se buscar por uma “realidade palpável [...] Essa pertença discursiva é produzida pelos corações vermelhos preenchidos, depois das visualizações, com a força do dedo que aprecia aquilo que é inapreensível ao tato” (MILANEZ, 2021, p. 108). A sensação de pertencimento provocada pelo espaço digital e suas interfaces nos leva a pensar na noção de virtualização.

O termo “virtual” (LÉVY, 1996, p. 5) define-se como algo que existe em potência, sem ainda ter passado à concretização efetiva. Portanto, a virtualidade e a atualidade são separadas por duas “maneiras de ser” diferentes (LÉVY, 1996, p. 5). Podemos pensar que, ao se inserir e inserir sua marca em uma rede social, cria-se essa potencialidade, algo a ser pretendido que se torne atual, concreto.

Esse movimento de virtualização (LÉVY, 1996) afeta não somente a circulação de informações, mas também a economia, a política e a constituição de subjetividades. Segundo o autor, a virtualização atinge a constituição do ‘nós’, criando comunidades virtuais, empresas virtuais, entre outras, afetando os modos de se conectar, de estar junto. Para Lévy (1996, p. 8), “o virtual, com muita frequência, não está presente”, ou seja, há a sensação de estarmos conectados, de criarmos comunidades sólidas, mas a presença é ainda questionável.

O autor articula o que entende sobre virtualização com o chamado “efeito Moebius” (LÉVY, 1996, p.13), relacionando com a figura topológica da fita de moebius, criada pelo matemático alemão August Ferdinand Möbius, em 1858. Essa figura é conhecida pelo que os matemáticos chamam de um “objeto não orientável”, ou seja, é impossível determinar qual é a parte de cima ou a de baixo, assim como a parte de dentro e a de fora. A passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior nos permite relacionar o virtual com a dissolução de fronteiras entre o público e privado. Os que antes precisavam se deslocar do seu ambiente para trabalhar, hoje fazem tudo dentro da sua

esfera privada. Tempo e lugar se misturam em uma realidade em que limites não são mais estipulados. Isso ocorre pela grande influência neoliberal que atravessa nossa sociedade atualmente. Como mencionamos na introdução do trabalho, a demanda por uma falsa autonomia e os discursos que constroem como positiva a relação entre ser empreendedor e ter liberdade financeira, poder estipular seus próprios horários, entre outros fatores, obrigam os trabalhadores a se inserirem em um virtual que, como vimos, é somente potencialidade, longe de se tornar atual.

Voltemos, por um momento, à família afegã, que criou a página de seu restaurante nas mídias digitais, segundo menciona na entrevista, para suprir as necessidades de divulgação durante a pandemia da Covid-19. Como vimos, não somente a pandemia suscitou essa presença online, mas as condições do cenário econômico atual colaboraram para a dissolução das fronteiras entre o público e o privado, o tempo de produzir e o tempo de descansar. E conseguimos perceber essas fagulhas no perfil da família. A imagem a seguir mostra um registro de um momento de descontração (Figura 4).

Figura 4 – Captura de tela da publicação em que vemos um passeio da família.



Fonte: KOH I BABA, 2022 (*printscreens* das autoras).

De forma geral, as postagens não são apenas sobre o restaurante, mas sim, sobre o dia a dia da família, produzindo sentidos de reconhecimento e familiarização. Vemos fotos dos pratos que são servidos, mas também da produção e dos momentos de descontração. Essa separação entre o que é trabalho e o que é vida privada não existe, como vimos. De certa forma, podemos pensar que o movimento da família ao fazer esse tipo de postagem pede, nas entrelinhas, que sejam reconhecidos, respeitados, mostrando

sua vida pessoal em um lugar em que normalmente não se faz isso (a página comercial). Eles utilizam esse lugar de visibilidade, proporcionado pela internet, para serem vistos em uma sociedade (e em uma língua) onde são normalmente invisibilizados.

O empreendimento de Franck, refugiado da Costa do Marfim, tem o foco em roupas africanas. Como trazido na entrevista de apresentação do empreendimento no *site Refugiados Empreendedores* (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.]), e que consideraremos como nossa SD 3: “Meu trabalho é mais focado nos tecidos africanos, mas também vejo necessidade de me integrar no mercado brasileiro e misturar as culturas” (ACNUR; PACTO GLOBAL, 2021. [s.p.]

Analisando esse enunciado, podemos sugerir que essa necessidade de integração, através do viés econômico, pode ser vista como a única e primeira forma de sobreviver – trabalhando – mas deságua na vida privada e nas dificuldades encontradas pelos refugiados no dia a dia. O deslize em ‘mas também vejo necessidade de me integrar’ pode apontar para diferentes modos de dizer que se confundiram, mas que produzem sentidos diferentes. Há, de qualquer forma, a busca pela integração como uma necessidade. Se pensarmos, como falávamos no início do capítulo teórico-analítico, que há um imaginário construído sobre o Brasil como sendo um país hospitaleiro, acolhedor e com um mix de culturas, pode vir daí essa necessidade de integração. Porém, na prática, esse mix de culturas é questionável, o que nos leva a pensar na necessidade de se integrar ‘no mercado’ e não ‘na sociedade’.

Palavras finais

Este breve estudo pretendeu analisar de que forma os sujeitos migrantes trabalham através do Instagram e como se constituem no ambiente digital através da língua do outro. A partir de recortes oriundos de contas no Instagram de microempresas criadas por estrangeiros refugiados, extraídas do *site Refugiados Empreendedores* (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.]), buscamos por efeitos de sentido que apontassem para a constituição dos sujeitos refugiados. Mobilizamos os estudos do discurso, principalmente o viés discursivo-desconstrutivo (CORACINI, 2010), que se ampara nos trabalhos de Foucault, Lacan e Derrida. Na análise, atravessaram, principalmente, os conceitos de sujeito e língua, além de retomarmos questões sobre espaço digital e virtualização.

Percebemos que é constitutivo, nas sequências discursivas analisadas, a tentativa desses migrantes em se colocarem em um lugar de visibilidade, mesmo o lugar da rede social sendo, nesse caso, um perfil comercial, “não pessoal”. Através da língua, que

entendemos como o lugar do possível e que é sempre falha e incompleta, os sujeitos se constituem em uma posição de reexistência, utilizando um espaço (o perfil comercial) que não é propriamente o lugar da reivindicação por direitos, por respeito, por integração. ‘Quero me apresentar a vocês’; ‘Quero me integrar a vocês’; ‘Quero que vocês conheçam minha cultura’; ‘Quero que vocês me respeitem’ são alguns apontamentos que podemos recuperar, que atravessaram ambos os perfis analisados. Como afirma Rosa (2016), a constituição subjetiva entre línguas-culturas se dá “ao mesmo tempo em que se está em um lugar, não se tem lugar” (ROSA, 2016, p. 95). Isso nos leva a recuperar o que menciona Lévy (1996), sobre o virtual não ser/estar presente. De certa forma, também nos inquieta pensar em uma possível ‘falsa sensação’ de pertencimento para esses estrangeiros refugiados, já que o online não é um ambiente físico, não está, de fato, presente.

Além disso, o significante ‘marca’, trazido no trabalho como um jogo de sentidos entre marca subjetiva e marca dos empreendimentos, autoriza-nos a pensar que é o fato de esses sentidos diferentes serem possíveis que permite tomarmos ‘marca’ não como simples palavra (um signo), mas como um significante, de fato. Os efeitos de sentido desse significante mencionado nos levam a refletir sobre esse espaço autorizado para falar de si, criando um efeito de verdade.

Não podemos deixar, ainda, de ressaltar que a estruturação e o direcionamento da plataforma *Refugiados Empreendedores* (ACNUR; PACTO GLOBAL, [s.d.]), assim como o que se escolhe divulgar ou não divulgar no site estão atravessados pelo discurso institucional. Existe, de certa forma, uma organização por esse discurso, que vai reunir esses e não outros perfis, esses e não outros migrantes. Não há como ignorar o fato de que esse direcionamento está amarrado com uma memória das migrações dos europeus para o Brasil, no século XX, que vieram para enriquecer a cultura e trazer ‘progresso’ ao país. Podemos indagar, como norte para futuras pesquisas, se esse movimento institucionalizado de querer que os migrantes se tornem ‘empreendedores’, ‘donos do próprio negócio’ não estaria relacionado com um movimento de agenciamento, que busca separar os ‘bons migrantes’ dos ‘maus migrantes’.

Em linhas gerais, cabe questionarmos a hospitalidade que oferecemos a esses refugiados e, mais ainda, sobre os sentidos estabilizados que circulam sobre esses sujeitos. Refletir sobre essas questões permite, de certa forma, compreender melhor a si e ao outro, “que parece fora de si, externo a si, estrangeiro de outro país ou dentro do país, de outra língua ou da mesma língua” (CORACINI, 2013, p. 495).

REFERÊNCIAS

ACNUR; PACTO GLOBAL. *Refugiados empreendedores*, [s.d.]. Disponível em < <https://www.refugiadosempreendedores.com.br/> >. Acesso em 11 fev. 2023.

ACNUR; PACTO GLOBAL. *Entrevista concedida por Franck, proprietário da loja de roupas*, 2021. Disponível em < <https://www.refugiadosempreendedores.com.br/refugiados/franck/bras%C3%ADlia-> >. Acesso em 2 nov. 2022.

ACNUR; PACTO GLOBAL. *Entrevista concedida por Sorab e Raihana, proprietários do restaurante afegão*, 2022. Disponível em < <https://www.refugiadosempreendedores.com.br/refugiados/sorab-e-raihana/s%C3%A3o-paulo-> >. Acesso em 2 nov. 2022.

ANDRADE, E. R. O entre-espaco ocupado pelo migrante (des)acolhido: entre a hospitalidade e a hostilidade. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 3, p. 289-309, 2021. Disponível em: < <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1919/2501> >. Acesso em: 6 nov. 2022.

BECK, M. A polis acadêmica: do algoritmo e do sentido no trabalho científico. *Traços de Linguagem - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4132> >. Acesso em: 1 dez. 2022.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. P. 284-315.

BRASIL. *Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997*. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9474&ano=1997&ato=5a9EzaU90MJpWT13a>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BRASIL. *Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm. Acesso em: 13 fev. 2023.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. *Relatório Anual OBMigra 2022*. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CORACINI, M. J. A celebração do outro na constituição da identidade. *Organon*, v. 17, n. 35, 2003. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30024> >. Acesso em: 18 nov. 2022.

CORACINI, M. J. Língua e efeitos de estranhamento: modos de (vi)ver o outro. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 9, n. 2, 2009. p. 475-498. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/sNjFJvpVBvp5gN47WdVLndf/?lang=pt> >. Acesso em: 18 nov. 2022.

CORACINI, M. J. Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, vol. 11, n. 1, p. 91-112, 2010. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9758/8618> >. Acesso em: 10 nov. 2022.

CORACINI, M. J. *Os sem-teto em comunidades virtuais: entre o ressentimento e a violência*. *Guavira Letras*. n. 16, 2013. Disponível em: < <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/150> >. Acesso em: 14 nov. 2022.

CORTINA, A. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. Tradução de Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

COURTINE, J.J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise do discurso. *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*. v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090> >. Acesso em: 1 dez. 2022.

ROSA, M. Imagens não só ilustram, palavras não só descrevem: leitura e efeitos de sentido na tessitura verbo-imagética. *Letras & Letras (UFU)*, v. 32, p. 45-67, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33644/19139>. Acesso em: 9 nov. 2022.

ROSA, M.; RUBBO, D. R.; PEIXOTO, M. Discurso, Desconstrução e Psicanálise no campo da Linguística Aplicada: (du)elos e (des)caminhos. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 31, n. spe p. 253-281, 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0102-4450419229318658871> >. Acesso em 18 nov. 2022.

DERRIDA, J. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001. Disponível em: < <https://fdocumentos.tips/document/derrida-o-monolinguismo-do-outro.html> >. Acesso em: 30 nov. 2022.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, v. 10, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515> Acesso em: 30 nov. 2022.

DIAS, C. O objeto discursivo na Análise de Discurso: (novas) questões sobre o digital. In: SOARES, T. B.; CRUZ, M. S.; COITO, R. F. (orgs). *Novas fronteiras em Análises do Discurso: objetos outros*. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 2021.

FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, L. M. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 29, n. 63, 2021, p. 193-210. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/remhu/a/WhQNMSS8L6RsKwVWkFR68tg/?lang=pt> >. Acesso em 1 dez. 2022.

FERRAGUT, G. MPL e MBL: a avenida paulista e o movimento antes de P e B – uma reflexão sobre a formação algorítmica. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 44, p. 112–134, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657789> >. Acesso em: 18 nov. 2022.

FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636> >. Acesso em: 3 dez. 2022.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1867820/mod_resource/content/1/FOUCAULT%20C%20Michel%20-%20A%20ordem%20do%20discurso.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070132/mod_resource/content/1/FOUCAULT.pdf >. Acesso em: 17 nov. 2022.

GAMBASSI, G.; LIMA, É. Práticas tradutórias como práticas de si: migração e hos(t)ipitalidade. *Caleidoscópio: literatura e tradução*, v. 4, n. 1, p. 69–81, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/caleidoscopio/article/view/26685> >. Acesso em: 1 dez. 2022.

KOH I BABA. [sem título] Liberdade, SP. 18 mar. 2022. Instagram: @koh_i_baba. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CbQ6_D6rPN7/. Acesso em: 6 nov. 2022.

KOH I BABA. [sem título] Liberdade, SP. 6 fev. 2022. Instagram: @koh_i_baba. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZqDsxqsDv1/>. Acesso em: 6 nov. 2022.

LARA, G. M. P.; ROSA, M.; TAUZIN-CASTELLANOS, I. Migrações e refúgio: abordagens discursivas. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 3, p. 1-11, 2021. Disponível em: < <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2019/2529> >. Acesso em: 6 nov. 2022.

LÉVY, P. *O que é Virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MATTOS, L. A.; STÜBE, A. D. Migração, sujeito e entre-línguas: perder-se no labirinto da palavra. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 3, p. 310–330, 2021. Disponível em: < <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1945> >. Acesso em: 1 dez. 2022.

MAZIÈRE, F. *Análise do Discurso: história e práticas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MILANEZ, N. O corpo liberto: arqueologia do saber e práticas de liberdade no Instagram. In: SOARES, T. B.; CRUZ, M. S.; COITO, R. F. (orgs). *Novas fronteiras em Análises do Discurso: objetos outros*. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 2021.

PAVAN, L. H. Hélène. *Ser-estar longe de casa: experiências de (des)acolhimento de estudantes refugiados*. 213 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: < <https://hdl.handle.net/20.500.12733/4130> > Acesso em: 18 nov. 2022.

RIBEIRO, Jocenilson. Da xenofobia à glotofobia: a estrangeiridade como um problema discursivo. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 3, p. 331–356, 2021. Disponível em: < <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1991> >. Acesso em: 3 dez. 2022.

SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. S., DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, 286 p.

ZOLÉ. [sem título] República, SP. 24 fev. 2018. Instagram: @zole_respeite.a.diversidade. Disponível em: https://www.instagram.com/zole_respeite.a.diversidade/. Acesso em: 2 nov. 2022.